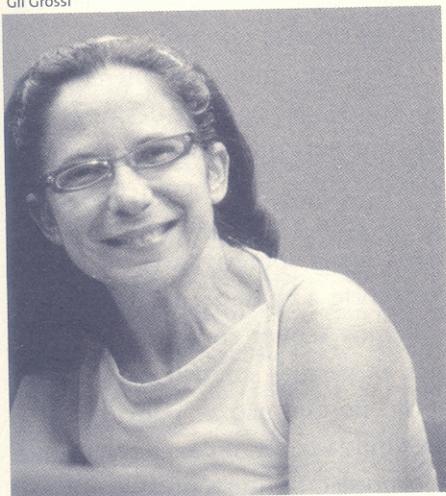


Helena Katz

## O Corpo que Dança

A cultura faz parte do bolo do PIB, da produção de massa crítica, da produção do conhecimento...

Gil Grossi



**Guia - Você tem uma formação e uma trajetória muito instigantes, poderia falar um pouco sobre isso?**

Helena Katz - Eu me graduei em filosofia, sempre mantive interesse por biologia e medicina, estudei um pouco de matemática, me formei também em música e virei jornalista especializada em dança. Decidi que iria

estudar filosofia aos catorze anos e nem imaginava que seria a escolha mais sensata que faria na vida, porque hoje em dia é a filosofia que me possibilita estar na PUC-SP trabalhando com teorias científicas e me ajudando a encontrar um lugar para as artes do corpo na universidade, para que a universidade "fale" com esse tipo de produção, e também para conseguir fazer um tipo de jornalismo cultural que abrigue a dança de uma outra maneira. Venho trabalhando com teoria da evolução e em uma área razoavelmente recente chamada ciências cognitivas para entender como o corpo faz para conhecer e para aprender. E uso a semiótica (que é também uma espécie de filosofia) para ler essas duas áreas. É juntando tudo isso que estudo o corpo - o corpo que dança.

**Você disse que uma das funções do seu trabalho é encontrar um lugar na universidade para que ela "fale" com a arte. Por que esse "diálogo" não existe normalmente?**

O entendimento de que a cabeça pensa e o corpo age trouxe alguns males perversos. Um deles é o de permitir que se diga que o corpo pertence à

prática e a cabeça à teoria. Assim, só a teoria poderia estar na universidade, que é considerada um lugar de produção de saber. No Brasil, também a ditadura, que tanto perseguiu as artes e muito estrangulou a educação com o expurgo de professores das nossas universidades, e mais a ausência de boas políticas públicas colaboraram para a universidade fechar-se. Nesse universo intra-muros foram criadas "línguas próprias" e os falantes desses dialetos formaram comunidades autônomas, dedicadas à produção de conhecimento somente para quem está "dentro dos muros". A universidade perdeu a conectividade com a sociedade e a inserção das artes, que é recente na história das universidades brasileiras, colabora profundamente para que as portas das universidades funcionem no fluxo de "vaivém".

### **E, no cotidiano da sociedade em geral, as atividades culturais são ferramentas de transformações sociais?**

A sociedade também tem dificuldade em entender as atividades culturais como produtoras de conhecimento para todos, e não somente para alguns poucos eleitos. Os meios de comunicação são os responsáveis pela massificação de certos valores em detrimento de outros. Em se tratando de produção cultural, ou ela não ocupa ou ocupa um "cantinho" muito reservado na mídia. Temos poucas chances

para mostrar para a sociedade o que é e para que serve a cultura. E precisamos, de uma vez por todas, romper com essa idéia de que é preciso escolher entre "dar" dinheiro para cultura ou "dar" dinheiro para os transportes, para a saúde ou para a segurança... Na cabeça do cidadão comum, existe uma verdade incontestável: é melhor tapar o buraco da minha rua do que promover atividades culturais...

### **E como explicar o valor do "bem" cultural ao cidadão comum?**

Ofertando muitas e diferenciadas oportunidades para ele desfrutar desses bens para que possa experimentar sozinho como esse "bem" cultural colabora com a qualidade da sua vida e ajuda a sua sobrevivência tal qual o transporte, a saúde e a segurança! Não podemos sequer continuar a aceitar que as pessoas enunciem essa falsa opção porque não se pode aceitar a possibilidade de uma escolha entre transporte ou cultura, por exemplo. Se isso acontece, é porque somos incapazes de encontrar meios de expressar a importância das ações culturais e como elas beneficiam a sociedade brasileira: a população não tem idéia da quantidade de empregos que as atividades culturais geram, nem tampouco de que isso contribui para o PIB, ou de que cultura gera bens simbólicos dos quais não podemos prescindir. O que acontece quando se fala em cultu-

ra, grosso modo, é o seguinte: fica restrita ao quadro do museu que o cidadão não entende ou à orquestra sinfônica que ele talvez ache que toca músicas muito compridas.

### **Você pode explicar o que são bens simbólicos?**

Sem sonhos, sem lazer, sem prazer, o homem não sobrevive. Desde sempre os homens sentiram necessidade de produzir maneiras de superar a morte. Quando alguém deixa algo escrito, compõe ou pinta, por exemplo, está fazendo isso, ou seja, pondo no mundo algo que tem chance de durar mais do que quem o fez. Desde as primeiras cavernas que o homem usou para se proteger dos bichos, o fato de se sentir protegido não bastou; ele precisou fazer um desenho nas paredes da caverna para se sentir forte o suficiente na hora de enfrentar o bicho que o ameaçava lá fora, e até colocou cor neste desenho. Ou seja, atribuiu a esse desenho funções simbólicas. Isso se constitui como um traço de sobrevivência. Quando você compra aquela determinada camiseta e não outra qualquer, aquilo que faz você decidir é o que vem agregado simbolicamente naquela camiseta, aquilo que ela representa, e não ela enquanto um pedaço de roupa que tem a função de vestir e proteger o corpo.

É sempre a questão: para a maioria continuamos a ser o chantilly do bo-

lo... Exatamente, e aí não importa se existe ou não o chantilly, o importante é o bolo... A cultura faz parte do bolo do PIB, da produção de massa crítica, da produção do conhecimento... temos que encontrar mecanismos que nos permitam informar por que a cultura e a educação são indispensáveis e por que são parceiras: uma precisa da outra para a sobrevivência mútua.

### **Por que existe esse distanciamento entre educação e cultura? Por que a dificuldade em vê-las atuando juntas, de maneira complementar?**

Durante a ditadura, retirou-se do processo educacional qualquer variável que desenvolvesse a reflexão e a crítica porque um indivíduo que pensa e argumenta se torna menos controlável. Eu tenho 51 anos e, quando estudei, tínhamos aulas de filosofia, latim, lógica, música, trabalhos manuais... e junto com elas você acabava desenvolvendo uma coisa que ficou muito perigosa: contato com as artes e estímulo continuado para a reflexão crítica. O imenso poder do bem simbólico está na dificuldade de ele ser controlado, por isso era muito perigosa uma educação que se propusesse a fazer mais do que treinar alguém a repetir conteúdos. Com a recente reintrodução da filosofia na escola, os frutos serão colhidos daqui a dez anos, através da formação de uma população mais crítica e reflexiva. Mas isso não se

transforma instantaneamente nos números que devemos apresentar ao FMI e a política educacional é planejada na base desses números.

**Nessa época houve algum bem simbólico na área cultural que fugisse da censura?**

Nos anos 70 assistimos ao enorme, extraordinário e inigualável sucesso do Ballet Stagium no Brasil. Isso foi uma espécie de resposta a uma necessidade que estava completamente sufocada: tudo o que usava a palavra estava censurado e o Stagium conseguiu, através da dança, se tornar a voz da resistência cultural à repressão da ditadura militar. Seu público era formado por universitários, intelectuais, professores, políticos, donas de casa, jovens, profissionais liberais que encontravam nele um valor simbólico poderosíssimo, e que era muito difícil de ser "captado" pelos censores. Foi maravilhoso ver e sentir a força da dança nesse contexto...

**E, se hoje em dia, alguém chegar até você dizendo "eu quero dançar profissionalmente", o que você diria para esta pessoa?**

A primeira coisa seria perguntar: o que você quer dançar? Você tem de saber se quer dançar fandango, à Bolshoi ou como o Michael Jackson. Porque existem diferenças enormes na formação de um ou de outro, assim como existe diferença na formação entre um guitarrista de heavy metal e um violonista clássico... A partir dessa escolha,

é necessário fazer um "plano de carreira", contabilizando tantos anos de estudo em tais e tais escolas, com tais e tais professores. A partir daí, é sempre muito estudo, muita pesquisa e a necessidade de se manter sempre o mais bem informado possível.

**Quais as dificuldades para o profissional de dança? Ainda existe muito preconceito do tipo "dança é coisa de veados".**

As dificuldades são equiparáveis as de outras profissões e são enormes... todos sabemos disso. Quanto a esse tipo de preconceito, minha posição é a seguinte: não se deve buscar responder se é ou não, porque o que interessa é saber se a dança é ou não possível como mercado de trabalho. Gente que fala assim é gente que sai à noite e se "diverte" espancando travestis e homossexuais! O preconceito é uma doença (é uma pena que não seja fatal...). A questão, como em qualquer outro campo, deve ser outra: aquele é ou não é um bom profissional? O sujeito dança bem ou mal? A opção sexual de cada um não importa para ninguém. Mas não é só esse o preconceito, há outros, como aquele que garantia que, para ser bailarino, só com corpo de modelo, perfeito. A dança contemporânea ajudou a quebrar "verdades" do tipo "gordos não dançam". Ué?! E, se você for gordo e bom, não vai poder dançar? Qual é o problema? Não tem jeito, vol-

tamos às questões iniciais: preconceito acaba-se com educação continuada.

**E agora, falando a respeito do Governo Lula, qual a sua expectativa em relação a implementação de uma política cultural?**

Em primeiro lugar espero que haja o entendimento da grande necessidade da existência de uma política cultural e que isso não pode mais ser adiado. Em segundo lugar espero que o Minc não ceda a grupos de interesse na formulação desta política cultural e que, sobretudo, entenda que a maneira correta de se fazer política cultural é ter com clareza o conceito de cultura, de arte e de sociedade para que possamos caminhar com tranquilidade na polêmica questão da contrapartida social.

E, finalmente que a política cultural possa ser estabelecida depois da revisão das leis de incentivo à cultura e que (a política cultural) não seja completamente atada e entendida como algo que dependa das leis de incentivo; que na verdade devem ser encaradas como umas das "ferramentas" à disposição desta política cultural.

**E qual, na sua opinião, deve ser o primeiro passo para a implementação desta política cultural?**

Acho que deve-se partir do expertise; do saber acumulado de quem faz cultura no Brasil; enfrentando todas as adversidades deste "fazer". E esse expertise é encontrado nos órgãos

representativos de classe e, isso é muito importante, também nos órgãos que não são constituídos juridicamente... A sociedade brasileira tem encontrado outras formas de organização, por exemplo: as organizações mais ativas em artes cênicas são o "Movimento Arte contra a Barbárie", "Fórum Nacional de Dança" e "Movimento Mobilização Dança. O Minc precisa ouvir estas (e outras) formas de organização, e posso citar um exemplo: na minha opinião, se você for olhar o Sindicato de Dança do Estado de São Paulo, ele é um órgão completamente não representativo da dança em São Paulo. Ele apenas funciona para a atribuição de DRT e a dança não se vê jamais representada, em termos de organização de classe, por este sindicato. Assim considero que o "Movimento Mobilização Dança" fala com a dança em São Paulo, o "Fórum Nacional de Dança" fala com a dança no Brasil e na América Latina; o "Fórum Rio" fala com os artistas plásticos do Rio de Janeiro...

**E a questão da contrapartida social? O que você acha?**

É preciso esclarecer que existem artistas que entendem a natureza do seu trabalho, como um trabalho de ação social – seja ele feito na favela; seja ele feito no Teatro Municipal. Precisamos acabar, imediatamente, com o entendimento de que a única arte que

está "cuidando" da sociedade é aquela feita na favela, com quem está em situação de risco etc...

E aí voltamos ao ponto da política cultural: cabe a uma política cultural, bem estruturada, disponibilizar a arte, enquanto arte, para toda a sociedade.

Política cultural não pode ser obrigar um artista a ensinar dança em um local que não seja adequadamente preparado; porque o joelho daquela criança ficará ruim e não se pode ensinar dança em chão de cimento.